

Instituto Superior de Ciências e Educação à Distância

Faculdade de Ciências de Educação

Curso de Licenciatura em ensino de Português

Práticas e Significados do Xitique em Moçambique

Joana Mateus Matias

11240718

Beira, Maio 2025

Instituto Superior de Ciências e Educação à Distância

Faculdade de Ciências de Educação

Curso de Licenciatura em ensino de Português

Práticas e Significados do Xitique em Moçambique

Joana Mateus Matias

11240718

Trabalho de campo a ser submetido
na coordenação do curso de
Licenciatura em Ensino de Português
da UnISCED

Tutor: Efraime Manuel Nhabanga

Beira, Maio 2025

Índice

1 Introdução.....	1
1.1 Objectivo Geral:	1
1.2 Objectivos Específicos:	1
1.3 Metodologia:	1
2 Práticas e Significados do Xitique em Moçambique	3
2.1 Surgimento do Xitique	3
2.2 Membros do Xitique.....	3
2.3 Dinâmicas do Xitique.....	4
2.4 Finalidades do Xitique	4
2.5 Significados do Xitique.....	5
3 Considerações Finais.....	6
4 Bibliografia.....	7

1 Introdução

O presente trabalho aborda as práticas e significados do Xitique em Moçambique, com foco na análise dessa prática social como uma forma de organização financeira e de apoio mútuo nas comunidades moçambicanas. O Xitique, uma prática comum em diversas regiões do país, especialmente em áreas mais afastadas, envolve a contribuição conjunta de um grupo de pessoas para a formação de um fundo coletivo, utilizado para diversos fins, como o apoio em situações de emergência, investimentos pessoais e até mesmo a promoção de negócios informais. Através de entrevistas realizadas em Marromeu, pretende-se explorar as dinâmicas dessa prática, seus membros, finalidades e os significados sociais que ela carrega para os participantes. A análise dos dados coletados será cruzada com a literatura existente sobre o Xitique, a fim de compreender seu papel na vida social e económica das comunidades moçambicanas.

1.1 Objectivo Geral:

- ❖ Analisar as práticas e significados do Xitique em Moçambique, com base em dados de campo e revisão de literatura.

1.2 Objectivos Específicos:

- ❖ Descrever as origens do Xitique em Moçambique;
- ❖ Identificar os membros envolvidos na prática do Xitique;
- ❖ Descrever as dinâmicas e mudanças do Xitique ao longo do tempo;
- ❖ Explicar as finalidades sociais do Xitique;
- ❖ Interpretar os significados atribuídos ao Xitique na sociedade moçambicana.

1.3 Metodologia:

A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas semi-estruturadas com membros de dois grupos de Xitique na vila de Marromeu. Inicialmente, foi realizada uma abordagem preliminar para identificar os grupos mais representativos da prática na região. As entrevistas foram realizadas de forma presencial, em locais onde os grupos se reuniam, permitindo uma interação mais natural entre os participantes. Durante as conversas, foram explorados tópicos como o surgimento do Xitique, a composição dos grupos, as finalidades da prática e os significados atribuídos pelos membros. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e, após transcrição, as informações foram analisadas com base na comparação entre

os relatos e a literatura existente sobre o tema. Além disso, observações diretas das dinâmicas de interação entre os membros durante as reuniões também foram realizadas, enriquecendo a análise dos dados coletados.

2 Práticas e Significados do Xitique em Moçambique

2.1 Surgimento do Xitique

A origem do xitique não é clara em termos históricos documentais, mas a prática é considerada ancestral em várias comunidades africanas, tendo sido transmitida oralmente e mantida através das gerações. Segundo Cuhe (2002), formas de economia solidária como o xitique são comuns em sociedades africanas, baseando-se em valores de reciprocidade e apoio mútuo. Em Moçambique, o xitique provavelmente surgiu como resposta às limitações de acesso a instituições financeiras formais, especialmente em tempos coloniais e pós-independência.

Durante as entrevistas realizadas na vila de Marromeu, os membros de dois grupos de xitique afirmaram que a prática existe na comunidade há pelo menos três décadas, intensificando-se principalmente durante os períodos de crise económica e dificuldades no acesso a crédito bancário. Para esses participantes, o xitique foi uma solução coletiva para poupar dinheiro, enfrentar imprevistos e investir em pequenos negócios.

Comparando com a literatura, há coincidência com o estudo de Santos (2015), que afirma que o xitique moçambicano, tal como outras práticas similares em África (como as tontines no Senegal ou os stokvels na África do Sul), emergiu como resposta às necessidades económicas em contextos informais. Assim, tanto os dados recolhidos quanto a literatura indicam que o surgimento do xitique é ligado à ausência de alternativas financeiras acessíveis e à cultura de solidariedade comunitária.

2.2 Membros do Xitique

Os membros do xitique variam em número, idade e ocupação. Nos grupos entrevistados em Marromeu, um grupo era composto por 10 mulheres entre 28 e 55 anos, com ocupações ligadas ao comércio informal e à agricultura familiar; o outro grupo incluía 6 funcionários públicos e pequenos empresários, entre homens e mulheres, com idades entre 25 e 40 anos.

De acordo com Machel (2006), os xitiques são frequentemente organizados por afinidade — entre vizinhos, colegas de trabalho ou parentes — o que facilita a confiança mútua. Essa

observação foi confirmada nos grupos entrevistados, que afirmaram que a seleção dos membros se baseia em confiança, responsabilidade e proximidade social.

Em ambos os grupos entrevistados, a admissão de novos membros depende de consenso entre os participantes, o que confirma o aspecto relacional do xitique mencionado na literatura. Além disso, os grupos relataram que a rotatividade de membros é baixa, demonstrando estabilidade nas relações.

2.3 Dinâmicas do Xitique

As dinâmicas do xitique mudam de acordo com a situação económica dos participantes. No grupo das vendedoras, a contribuição mensal já foi de 100 meticais, mas atualmente é de 500 meticais, devido ao aumento do custo de vida. O outro grupo, com trabalhadores formais, contribui com 2.000 meticais mensais. Isso mostra que o valor das contribuições é flexível e adaptável às condições financeiras do grupo.

Os dois grupos relataram que já houve mudanças no número de participantes ao longo do tempo. O grupo das vendedoras já teve 15 membros, mas alguns desistiram por dificuldades financeiras. O grupo dos trabalhadores começou com 5 membros e hoje conta com 7, mostrando crescimento e estabilidade. A literatura também reconhece essa flexibilidade: segundo Castela (2012), a estrutura dos xitiques é ajustável, permitindo entradas e saídas com base em consenso.

Além do valor monetário, foram observadas mudanças na frequência da entrega — enquanto alguns grupos fazem xitique semanal, outros o fazem mensal. Essas mudanças respondem a fatores como fluxo de rendimento e conveniência logística, o que mostra a natureza dinâmica e adaptável da prática.).

2.4 Finalidades do Xitique

As finalidades do xitique são diversas. No grupo das vendedoras, o dinheiro é utilizado principalmente para comprar produtos em grande quantidade, reforçar o negócio e enfrentar emergências familiares. Já no grupo dos trabalhadores, os fundos são usados para pagar propinas escolares, investir em pequenas obras domésticas e, em alguns casos, para lazer, como viagens ou festas.

A literatura mostra que o xitique tem uma função económica e social. Santos (2015) afirma que ele atua como um sistema informal de crédito, poupança e rede de apoio. Essa pluralidade de funções também apareceu nas entrevistas, nas quais os membros destacaram a utilidade do xitique tanto para necessidades imediatas quanto para metas de médio prazo.

Outro aspeto importante relatado é o carácter disciplinador da prática. Os membros afirmam que o xitique os "obriga a poupar", funcionando como um mecanismo de autocontrole financeiro. Isso confirma a ideia de que, além de apoio mútuo, o xitique também promove educação financeira informal, como destacado por Machel (2006).

2.5 Significados do Xitique

Para além do aspecto económico, o xitique carrega significados sociais profundos. Os entrevistados associam o xitique a valores como confiança, solidariedade, união e responsabilidade. Eles relataram que, para além de juntar dinheiro, o xitique também é uma oportunidade de convivência, partilha de experiências e fortalecimento de laços comunitários.

Um dos grupos relatou que cada encontro mensal é acompanhado de uma pequena refeição e momentos de conversa, tornando o xitique um espaço de reforço social. Isso ecoa a observação de Cuche (2002), segundo a qual práticas de economia solidária em África não se restringem ao capital financeiro, mas envolvem também o "capital social" — as relações, as redes e os laços de pertença.

Em alguns casos, os membros mencionaram que o xitique também ajuda a reduzir o stress e a ansiedade, pois sabem que terão apoio financeiro caso algo inesperado aconteça. Isso mostra que o significado da prática ultrapassa a materialidade do dinheiro, funcionando como uma estratégia coletiva de segurança emocional e social.

3 Considerações Finais

A análise dos dados recolhidos nas entrevistas realizadas com os membros dos grupos de Xitique em Marromeu e nas observações diretas permitiu compreender a relevância dessa prática na organização social e económica da comunidade. Os participantes relataram que o Xitique não se limita a uma simples prática de poupança, mas representa um importante mecanismo de solidariedade e suporte mútuo, especialmente em tempos de necessidade. Ao comparar as informações obtidas com a literatura sobre o tema, ficou evidente que o Xitique desempenha um papel importante em comunidades que, muitas vezes, têm acesso limitado a serviços financeiros formais. Assim, a prática não só auxilia na sobrevivência económica dos participantes, mas também fortalece os laços sociais e comunitários, evidenciando sua importância como uma estratégia de enfrentamento das adversidades locais.

4 Bibliografia

Castela, C. (2012). *Economia informal e práticas financeiras comunitárias em Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico.

Cuche, D. (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC.

Machel, S. (2006). *Solidariedade e subsistência: formas sociais de sobrevivência em África*. Maputo: INDE.

Santos, J. F. (2015). *As redes de ajuda mútua em Moçambique: o xitique como estratégia de sobrevivência*. *Revista de Estudos Africanos*, 38(2), 77-89.